

Identities Preserved: an introductory study on military equipment in Late Antiquity

Bruna Campos Gonçalves¹

Resumo: A Antiguidade Tardia presenciou uma grande movimentação militar. O território romano foi palco de inúmeras guerras, batalhas, escaramuças, onde romanos e os povos vizinhos se enfrentaram, por diferentes motivos. O exército romano-bárbaro era composto por inúmeros soldados e esses eram equipados com armas de defesa e de ataque. No presente artigo daremos enfoque a esses equipamentos que foram utilizados pelo exército romano-bárbaro. Achados em túmulos, fortalezas, pântanos e outros sítios arqueológicos, os armamentos militares são documentos vivos das ações militares dos povos antigos. A partir do estudo desses artefatos bélicos e da documentação textual pertinente, buscaremos analisar a manutenção da identidade do soldado.

Palavras-chave: Antiguidade Tardia – equipamentos – romano-bárbaro – identidades

Abstract: Late Antiquity witnessed a great military movement. The Roman territory was the scene of countless wars, battles, skirmishes, where Romans and their neighbors faced each other for different reasons. The Roman-barbarian army was composed of numerous soldiers and these were equipped with weapons of defense and attack. In this article we will focus on the equipment that was used by the Roman-barbarian army. Found in tombs, forts, bogs and other archaeological sites, the armaments are living documents of the military actions of the ancient peoples. From the study of these warlike artifacts and the textual documentation, we will analyze the maintenance of the soldier's identity.

Keywords: Late Antiquity – equipment – roman-barbarians – identities

Resúmen: La Antigüedad tardía fue testigo de un movimiento militar importante. El Imperio Romano fue el escenario de muchas guerras, batallas, escaramuzas, donde los romanos y los pueblos vecinos se enfrentaron, por diferentes razones. El ejército romano-bárbaros se compone de numerosos soldados, y éstos estaban equipados con armas de ataque y defensa. En este artículo nos centraremos en estos equipos que fueron utilizados por el ejército romano-bárbaro. Encontrado en las tumbas, fortalezas, humedales y otros sitios arqueológicos, las armas son documentos vivos de las acciones militares de los pueblos antiguos. A partir del estudio de estos artefactos de guerra y de la documentación textual relevante, vamos a tratar de analizar el mantenimiento de la identidad del soldado.

Palabras claves: Antigüedad Tardía - equipos - romano-bárbaro – identidades

¹ Doutora em História pelo PPGH - UNESP/Campus Franca. E-mail: bruna.camposg@gmail.com

Volume 22, número 1: 2017

Os artefatos militares datados do período do Principado Romano são, hoje, largamente estudados, em contrapartida os da Antiguidade Tardia só começaram a despontar em artigos acadêmicos na década de 80 do século XX, até então poucas notícias se têm sobre o assunto. A pouca publicação dos objetos encontrados pelos arqueólogos prejudica a circulação do artefato nos meios acadêmicos, deixando o conhecimento do objeto restrito a quem o achou ou a quem está próximo do achado. Com isso, pouca informação em torno dos equipamentos militares romanos da Antiguidade Tardia é conhecida.

Atualmente, vemos crescer um pouco a divulgação, porém ainda há a barreira linguística. Os achados militares de Illerup Adal, pântano da Dinamarca o qual foram encontrados inúmeros armamentos militares do século II ao V d.C., estão muito bem catalogados numa série de 12 livros editada por diferentes estudiosos (Claus von Carnap-Bornheim, Jørgen, Ilkjær, Marcin Biborski, Aleksander Bursche, Xenia Pauli Jensen, Lars Chr Nørbach), que além do catálogo fazem um extenso estudo em torno de cada tipo de armamento, a barreira está no idioma em que foi escrita: o Alemão, pouco estudado pelos brasileiros.

Há, também, estudos em forma de artigos ou capítulo de livros que trazem algumas informações a respeito dos armamentos bélicos, que nos ajudaram a compreender um pouco mais sobre os equipamentos que eram usados pelos soldados romano-bárbaros do século IV d.C. Pretendendo dinamizar nosso estudo, dividi os equipamentos a serem estudados em duas frentes: os de defesa e os de ataque.

Os armamentos de defesa, como o próprio nome sugere, são equipamentos que tem como finalidade proteger o corpo dos soldados. Dentre eles encontramos os elmos, blindado a cabeça; os escudos, preso ao antebraço do combatente, auxilia-o a aparar as investidas dos adversários, impedido que a espada ou outro objeto perfurante o atinja; as armaduras, estão presas ao corpo do militar evitando que projéteis o perfurem com facilidade; a bainha da espada, não só carrega a espada, foi desenvolvida para não machucar o corpo daquele que a carrega; entre outros objetos.

Por serem produzidos com metais pesados, estes equipamentos sobrecarregam o guerreiro tornando-o mais lento; para habituar o soldado ao peso de seu equipamento de

Volume 22, número 1: 2017

batalha, ele devia se exercitar com uma carga dobrada, garantindo, assim, um bom desempenho na hora do embate com o inimigo.

Infelizmente, pouco ou nada foi encontrado das armaduras e dos escudos do século IV d.C. O último, feito de material perecível, a madeira, depende de condições ambientais para se conservarem, assim que os escudos que chegaram a nós estão bastante deteriorados. O que se sabe sobre esses equipamentos baseia-se em estudos de comparação com os de anos anteriores e posteriores, na percepção das diferenças e semelhanças pode-se propor o que foi utilizado nos anos intermediários.

No sítio arqueológico de Dura Europos, do século III d.C. foi encontrada a maior concentração de escudos de que temos notícia, são 24 placas de escudos (entre completas e fragmentos), 6 barras de reforço e 21 ornamentos. (SOUTHERN; DIXON, 1996, p.99). Sendo a partir dessa descoberta que conhecemos um pouco mais sobre o escudo na Antiguidade Tardia. Em sua maioria os escudos eram ovais e além do núcleo, que era de metal, o artefato era composto de madeira e couro. Na sua frente existia um desenho característico, como um símbolo que poderia identificar sua posição na linha de frente. O núcleo do escudo, ou umbo, é a peça redonda, convexa ou cônica no centro de um escudo. O núcleo do escudo (ou apenas núcleo ou em inglês *boss*) são normalmente feitos de metal grosso, mas também poderia ser feito de madeira. O centro foi originalmente concebido para desviar os golpes do centro de escudo redondos, no entanto eles também forneceram um lugar para montar o aperto do escudo.

Quanto aos Elmos, eram equipamentos desenvolvidos para proteção da região da cabeça, e que no século IV d.C. continua sendo um equipamento de defesa de grande importância, pois além de sua função prática, também, transpunha o status que pertencia o soldado. Dentre os Elmos que encontramos, vemos do mais simples aos mais elaborados e ornados, o que nos mostra que embora houvesse uma tendência a simplificar a fabricação ainda existia interesse de oficiais em ornamentar seus elmos (FEUGUÈRE, 2010, p.162).

Nas imagens abaixo vemos dois exemplos de elmos daquele período. No primeiro temos um elmo de ferro sem ornamentos expressivos, diferente do segundo que foi encoberto com uma folha de prata dourada e pedras, a pedido, provavelmente, de um oficial abastado do exército romano-bárbaro. No entanto podemos perceber que ambos possuíam proteção de

Volume 22, número 1: 2017

nariz e de orelha, os dois foram produzidos parte a parte, e depois montado. Assim, havia elementos comuns que compunham os elmos, porém eles poderiam receber ornamentos de acordo com a vontade, posição e a condição econômica do soldado.

FIGURA 01



Elmo de Ferro do sec. IV ou V d.C. que pesa 1.426 gr. - Encontrado em Augsburg, na Alemanha (antiga Augusta Vindelicorum). Hoje faz parte de uma coleção privada.

FIGURA 02



Elmo de Berkasovo do sec. IV d.C. - Encontrado em Berkasova (antiga Iugoslávia)
Encontra-se hoje no Vojvodjanski Museum, Novi Sad

Volume 22, número 1: 2017

Já a Ponta da bainha era feita de metal, em geral ferro, e servia para guardar a ponta da espada, evitando que o portador da espada se machucasse. Pouco se tem notícia de uma bainha inteira, uma vez que essa era feita de tecido, material bastante perecível, a única parte que temos em mãos para análise é a ponta, pois era feita de um material mais resistente ao tempo.

Embora as armaduras fossem feitas desse mesmo material, pouco foi encontrado desse equipamento essencial para o soldado. Por se tratar de um equipamento de grande importância, pois garantia a vida numa batalha e por precisar de uma quantia considerável para adquirir um, não encontramos armaduras esquecidas em campos de batalha ou deixada para trás em muralhas. Nesses contextos é mais provável de encontrarmos somente fragmentos; usualmente, achados em contexto de cerco consiste em objetos pequenos, numerosos e de baixo valor, como ponta de flecha (COULSTON, 1990, p.146).

Contudo, pedaços duma cota de malha datada do fim do século IV e início do V d.C. foi achada em Luxemburgo e România (SOUTHERN; DIXON, 1996, p.98; BISHOP; COULSTON, 2006, p.208). Também, conseguimos algumas pistas em esculturas, monumentos, pinturas e na literatura. Acreditamos que a armadura não tenha caído em desuso, como aponta Vegécio:

O contexto exige agora que tentemos mencionar com que tipo de armas os recrutas devem ser equipados e protegidos. A este respeito, o costume antigo foi completamente apagado; pois ainda que, a exemplo dos Godos, dos Alanos e dos Hunos, as armas dos cavaleiros tenham melhorado, sabemos contudo que os peões ficaram desguarnecidos (VEGÉCIO. *Epitome Rei Militaris*, I, 20).

Mesmo com as poucas evidências materiais acreditamos que a cota de malhas tenha permanecido no equipamento defensivo do exército romano, pois a estrutura tática, do século III ao V d.C., continuou demandando que a infantaria romana usasse armadura (BISHOP; COULSTON, 2006, p.208).

No que diz respeito aos equipamentos de ataque, como o nome sugere, utilizados para desferir golpes nos adversários. Espadas, lanças e dardos todos feitos e desenvolvidos no intuito de melhorar o desempenho na hora da batalha.

Volume 22, número 1: 2017

Dentre os objetos, encontramos as plumbatas, as espadas, os dardos e as lanças, um rico material que nos auxilia a perceber como era o aparato militar do século IV d.C. Há equipamentos que as evidências são mais escassas, como é o caso do arco. Por ser produzido com material muito perecível tem pouca resistência ao tempo. Entretanto, com o auxílio dos estudos arqueológicos e da historiografia podemos traçar o uso desse artefato nas fileiras do exército romano na antiguidade tardia.

Ao contrário do arco, a espada tem um número maior de amostras encontradas, que nos permite verificar a existência de uma ampla variedade desse armamento, com diferentes comprimentos e espessuras. A grande diversidade existente entre as espadas nos indica que não existia uma regularização dos armamentos, ao seja, uma uniformização. Acreditamos que o soldado poderia escolher a espada que usaria em batalha, ou seja, lutava com a que melhor se adaptava. Dessa forma, preservava sua identidade.

Outra arma conhecida na Antiguidade Tardia, bastante utilizada pelas tropas foi a Plumbata. Vegécio aponta que a plumbata era uma arma com grande poder de perfuração, e que chegou a ser bastante valorizada por Diocleciano e Maximiniano (ERM, I. 17). Os soldados carregavam pelo menos cinco desses dardos dentro de seus escudos e só os liberavam no devido tempo, quase imitando os arqueiros, como podemos ver no trecho que segue a baixo. Era um dos primeiros mísseis a serem liberados e já feria gravemente os soldados adversários. Era preciso treino para lançá-los com eficiência, o próprio autor da *Epitome rei militaris* indica que era uma técnica que deveria ser ensinada aos recrutas.

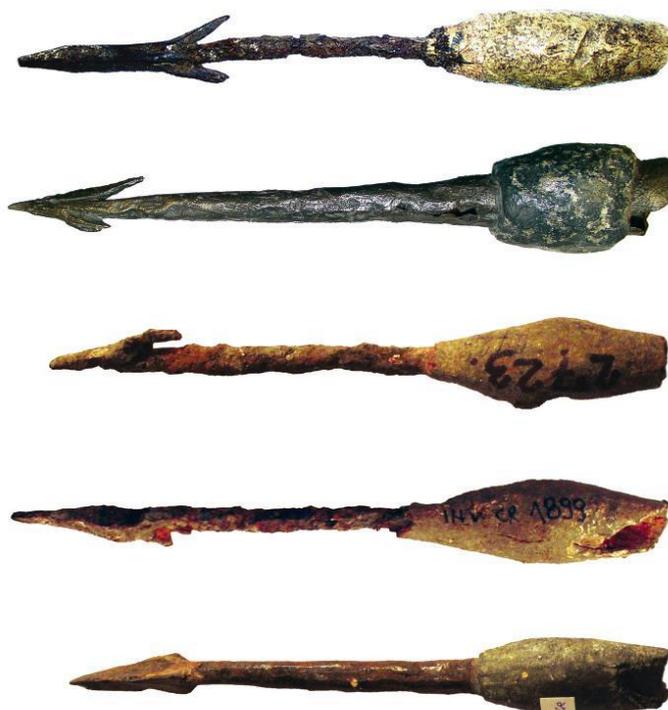
Além disso, costumavam transportar cinco *mattiobarbuli* metidos dentro dos escudos, os quais, sendo arremessados pelos soldados no tempo devido, fazem com que os escudeiros de infantaria quase pareçam imitar o ofício dos arqueiros. Na verdade, ferem gravemente os inimigos e os cavalos antes que eles não só possam chegar ao corpo-a-corpo, mas também antes de eles estarem ao alcance dos restantes mísseis (VEGÉCIO. *Epitome Rei Militaris*, I, 17).

Como podemos analisar na imagem abaixo, as plumbatas, projetadas para serem lançadas com as mãos, eram um tipo de dardo que possuía um bulbo de chumbo no meio de sua haste, aumentando seu poder de penetração. Esse míssil possuía uma ponta farpada, assim

Volume 22, número 1: 2017

como os dos dardos do mesmo período encontrados nos pântanos dinamarqueses, em Nydam e Ejsbøl.

FIGURA 03



Vujovic, 2009.

A diversidade de espadas e o grande número de plumbatas conhecidas, junto com a gama de lanças e dardos encontradas num mesmo local, nos leva a pensar que não existia uma normatização do armamento utilizado pelos soldados romano-bárbaros. Cabia ao guerreiro a escolha do melhor estilo de lança a ser usado por ele, assim como acontecia com a espada. Notamos, assim, uma variedade de armamentos com espessuras, tamanhos e modelos distintos, mas com suas funções preservadas. Dessa forma, os soldados de uma tropa de arqueiros podem estar usando arcos com características distintas, mas todos com a mesma funcionalidade, permitindo a realização de uma estruturação tática.

Volume 22, número 1: 2017

A falta de uniformidade dos armamentos, como a espada, o arco, os dardos e lanças, preservava um pouco da individualidade do guerreiro, pois podiam escolher a que melhor se adaptam as suas características físicas. Embora não tenhamos muitos exemplares de escudos, Vegécio e a *notitia dignitatum* nos indicam que os escudos possuíam desenhos e inscrições que identifica a legião a que estavam vinculados, de forma que deviam ser bem similares.

Mas para que os soldados nunca se perdessem dos seus companheiros no tumulto do combate, eles pintavam os escudos, para as distintas coortes, sinais diferentes, chamados *digmata*, tal como ainda hoje é costume fazer. Para além disso, na parte inferior do escudo estava inscrito com letras o nome de cada soldado, acrescentando da indicação da coorte ou da centúria a que pertencia (VEGÉCIO. *Epitome Rei Militaris*, II, 18).

Abaixo uma das imagens encontradas nos manuscritos da *notitia dignitatum* que representa a Insígnia do *Magistri Militum Prasentalis*. Essa imagem pertence ao manuscrito que hoje se encontra em Munique.

FIGURA 04



Imagem retirada do Manuscrito de Munique

Volume 22, número 1: 2017

Dentre os equipamentos de ataque que menos temos acesso hoje está o arco. Mesmo o Arco não pertencendo a tradição romana, ele foi largamente utilizado no aparato militar romano após sua introdução no fim da República romana, principalmente, no período do Império (COULSTON, 1985, p.220). Produzir um arco requeria grande conhecimento técnico, além de elaborado demandava longo tempo, no mínimo um ano podendo chegar até dez anos para ficar pronto.

O arco é composto de um núcleo de madeira que fornecia a forma básica, osso, chifre e tendões aderidos a essa base, sendo o último dos componentes a dar flexibilidade ao arco. (SOUTHERN; DIXON, 1996, p.116). Considerando que os materiais do arco são bastante perecíveis, pouco sobreviveu até os nossos dias. Foram encontrados somente pequenos fragmentos, geralmente da parte que era feita de osso ou outro material mais resistente ao tempo.

Todos os objetos que elencamos foram encontrados perto de zonas fronteiriças, tanto do lado romano como do lado oposto da fronteira, como é o caso dos artefatos encontrados em solo dinamarquês. Um grande número de fortaleza protegia e demarcava o território romano no século IV d.C. Essas possuíam, também, funções sociopolíticas para as regiões em que eram fixadas. Tais zonas fronteiriças possuíam grande interlocução cultural, uma vez que era ponto de encontro de, pelo menos, duas culturas diferentes, dessa forma é uma região de grande interação cultural.

Interessante notar com o relato desses artefatos a diversidade e a identidade encontrada dentro das fileiras militares romanas do século IV d.C. Pois, desde elementos decorativos a armamentos de ataque o elemento pessoal contava, não existia um uniforme pré-determinado. Havia sim uma norma em que o soldado devia ter um Elmo, um escudo e uma espada e que devia cuidar bem deles, mas não existia uma regulamentação para como devia ser cada um desses equipamentos, visto que, os elmos poderiam ser decorados aleatoriamente, as espadas tinham diferentes tamanhos e espessuras, existiam diferentes tipos de lanças, dardo e arcos. Sendo assim, podemos apontar que a individualidade de cada soldado era preservada na escolha da arma que usava em batalha.

Documentação

FLÁVIO VEGÉCIO RENATO. *Compêndio da Arte Militar*. Com uma tradução para o português de João Gouveia Monteiro e José Eduardo Braga. São Paulo: Annablume; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

NOTITIA DIGNITATUM. Traducida por Antonio Diego Duarte Sanchez. Murcia, Espanha, 2007.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBORSKI, M.; ILKJÆR, J. *Illerup Ådal*: Die Schwerter - Textband/Katalog, Tafeln Und Fundlisten: v. 11 & 12. Højbjerg: Jysk Arkaeologisk Selskab, 2007.

BISHOP, M. C. Weaponry and military equipment. In: ALLANSON-JONES, Lindsay. *Artefacts in Roman Britain*: their purpose and use. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, p. 114-132.

_____.; COULSTON, J. C. N. *Roman Military Equipment*: from the Punic Wars to the Fall of Rome. Oxford: Oxbow, 2006.

CARRIE, Jean-Michel; ROUSSELLE, Aline. *L'empire romain en mutation*: des Sévères à Constantin 192-337. Paris: Éditions du Seuil, 1999.

CHAUVOT, A. Barbarisation, acculturation et "democratization de la culture" dans L'Antiquité tardive. *Antiquité Tardive*, n. 09, 2001, p, 81-95.

COULSTON, J. C. N. Roman Archery Equipment. In: BISHOP, M. C. (ed.). *The Production and Distribution of Roman Military Equipment*: Proceedings of the Second Roman Military Equipment Research Seminar. Oxford: BAR International Series 275, 1985, pp. 220-366.

_____. Late Roman armour, 3rd-6th AD. *Journal of Roman Military Equipment Studies*, v.1,1990, p. 139-160.

_____. Arms and Armour of the Late Roman Army. In: DAVID, Nicolle. *A Companion to Medieval Arms and Armour*. Woodbridge: The Boydell Press, 2002, p. 03-24.

_____. Military equipment of the 'long' 4th century on Hadrian's Wall. In: COLLINS, Rob; ALLANSON-JONES, Lindsay. *Finds from the frontier*: material culture in 4th-5th centuries. York: Council for British Archaeology, 2010, p. 50-63.

_____. Late Roman military equipment culture. In: SARANTIS, A.; CHRISTIE, N. *War and Warfare in Late Antiquity*: currents perspectives. Late Antique Archaeology vol. 8.2. Leiden: Brill, 2013, p. 363-492.

FEUGÈRE, M. *Weapons of the Romans*. Londres: Ed. Tempus, 2002. (1^a Edição 1993).

_____. *Weapons of the Romans*. Gloucestershire: The History Press, 2010.

_____. *Les visages de la guerre de Mycènes à l'Antiquité tardive*. Paris: Errance, 1994.

ILKJÆR, J.; LØNSTRP, J. Interpretation of the Great Votive Deposits og Iron Age Weapons. *Journal of Danish Archaeology*, vol. 1, n. 1, 1982, p. 95-103.

_____. *Illerup Ådal*: Die Lanzen und Spere. - Textband/Katalog, Tafeln Und Fundlisten: v. 01 & 02. Højbjerg: Jysk Arkaeologisk Selskab, 1991.

_____. *Illerup Ådal*: Die Schilde. - Textband/Katalog, Tafeln Und Fundlisten: v. 09 & 10. Højbjerg: Jysk Arkaeologisk Selskab, 2002.

KAZANSKI, M. Barbarian Military Equipment and its Evolution in the Late Roman and Great Migration Periods (3rd-5th c. A.D.) In: SARANTIS, A.; CHRISTIE, N. *War and Warfare in Late Antiquity*: currents perspectives. Late Antique Archaeology vol. 8.2. Leiden: Brill, 2013, p. 493-522.

MILES, R. Introduction: constructing identities in late antiquity. In: MILES, Richard. *Constructing Identities in Late Antiquity*. London: Routledge, 1999, p. 01-15.

SOUTHEM, P.; DIXON, K. R. *The Late Roman Army*. New Haven: Yale, 1996.

VUJOVIĆ, Miroslav B. The *plumbatae* from Serbia. *Journal of the Serbian Archaeological Society*, v. 25, 2009, p. 203-218.